

A esperança cristã não nasce no barulho, mas no silêncio de uma espera habitada pelo amor. Não é filha da euforia, mas do abandono confiante.

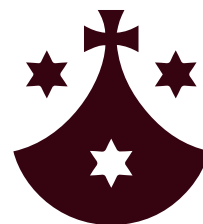
Papa Leão XIV, Audiência geral, 17 de setembro de 2025



Boletim de Espiritualidade

1 OUTUBRO 2025
Ano XII Nº 136

136



Agenda outubro 2025

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: “Enviou-nos” – P. Simão Pedro, MC [🔗](#)
- 4 **Avessadas** – Tardes com Maria [🔗](#)
- 4 a 5 **Porto** (Salesianos) – e-vangelizar 2025: mega encontro de formação – olhar para longe [🔗](#)
- 5 **Avessadas** – Jubileu dos Ministérios Litúrgicos [🔗](#)
- 6 **Lisboa** (Sé catedral) – Conferência: “Que é o homem para que vos lembreis dele?” (Sl 8, 6) – Esperar e trabalhar num tempo de crise civilizacional – D. Erik Varden [🔗](#)
- 7 **Lisboa** (Univ. Católica) – Conferência: “Há lugar para a castidade hoje? A reconciliação dos sentidos” – D. Erik Varden [🔗](#)
- 7 **Porto** (CCC) – Conferência: A “*Gaudium et spes*” no seu tempo: *génese e significado* – M. Soveral [🔗](#)
- 9 a 11 **Funchal** (ISJD) – Jornadas: Inovação e Cuidado: Desafios na Saúde Mental Contemporânea [🔗](#)
- 10 **Fátima** (Santuário) – A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor I [🔗](#)
- 10 a 12 **Granjinha-Tabuaço** – Retiro com a poesia de Daniel Faria [🔗](#)
- 11 **Faro** (Carmelitas) – Concerto para Jovens: A *Confiança conduz-nos ao Amor* [🔗](#)
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada de espiritualidade: *Oração, caminho da Esperança* – P. Nuno Pereira [🔗](#)
- 12 a 14 **Funchal** (Carmo) – Encontros com Santa Teresa de Jesus [🔗](#)
- 13 a 15 **Fátima** (Santuário) – Mensagem e Carisma: Encontro de Institutos de Vida Consagrada fundados a partir de Fátima [🔗](#)
- 14 **Online** – De véspera com S. Teresa de Jesus – P. Noé Martins (21h30) [🔗](#)
- 14 a 17 **Online** – EMRC Play [🔗](#)
- 16 a 18 **Ávila** (CITeS) – Curso: *O Livro da Vida* e do desenvolvimento humano – Juan Torres [🔗](#)
- 16 a 19 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 16 a 19 **Balsamão** – XXVIII Jornadas Culturais de Balsamão: À mesa transmontana. Conferência: *Comer à mesa com Jesus* – Armindo Vaz [🔗](#)
- 17 **Fátima** (Santuário) – A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor II [🔗](#)
- 17 a 19 **Fátima** (Domus Carmeli) – XIII Congresso de Espiritualidade: *Lúcia de Jesus, peregrina e testemunha da Luz* [🔗](#)
- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Curso: *Teresa de Jesus e a esperança* – Daniela Biló [🔗](#)

- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Curso: *Isabel da Trindade* – Antonio Kaddissy [🔗](#)
- 18 **Fátima** (Santuário) – Um dia com Francisco e Jacinta [🔗](#)
- 18 e 19 **Fátima** (C. Paulo VI) – Jornadas Nac. Catequistas [🔗](#)
- 19 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte [🔗](#)
- 20 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Estrutura do Evangelho de S. Mateus* – Fr. Carlos Eduardo [🔗](#)
- 20 a 24 **Fátima** (Santuário) – Retiro – P. Joaquim Teixeira, OCD [🔗](#)
- 21 **Viana do Castelo** (Carmo) – *S. João da Cruz, Mestre Espiritual* – P. Nuno Pereira [🔗](#)
- 23 a 26 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Steyler) – Jornadas: *O sorriso de Deus* [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Santuário) – Curso sobre a Mensagem de Fátima, 19.ª edição [🔗](#)
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)

Agenda novembro 2025

- 1 **Avessadas** – Tardes com Maria [🔗](#)
- 4 **Porto** (CCC) – Conferência: *Dignos de esperança: atualidade de uma conceção conciliar da pessoa humana* – Pedro Valinho Gomes [🔗](#)
- 5 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Ditos de Luz e Amor* – Fr. Carlos Eduardo [🔗](#)
- 5 **Online** – De véspera com S. Isabel da Trindade – Júlio Pereira (21h30) [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: “Com Ele viveremos” – P. Joaquim Domingos Luís, SVD [🔗](#)
- 7 a 9 **Fátima** (Domus Carmeli) – 1.º Módulo do Curso de Mariologia [🔗](#)
- 10 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – XVII Encontro de Sacerdotes [🔗](#)
- 10 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Evangelho da Infância* – P. Marco Caldas [🔗](#)
- 10 a 14 **Fátima** (Santuário) – Retiro – P. Pietro Ploma, IMC [🔗](#)
- 16 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte [🔗](#)
- 17 a 21 **Fátima** (Santuário) – Retiro – D. Manuel Clemente [🔗](#)
- 21 **Faro** (Carmelitas) – Conferência: *Aprender de Nossa Senhora orando a Liturgia da Rainha do Mundo* – Padre Carlos Aquino [🔗](#)
- 21 a 23 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento – P. Agostinho Leal [🔗](#)
- 22 **Funchal** (Carmo) – Formação sobre liturgia [🔗](#)
- 22 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Advento: *Dar tudo pelo Tudo* – P. Marco Caldas [🔗](#)
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 29 **Braga** (Carmo) – Jornadas com Deus no Advento [🔗](#)



No jubileu da esperança

Armindo Vaz, OCD

Só recentemente na história da Igreja tivemos jubileus estritamente temáticos. O Papa Francisco quis que o jubileu extraordinário de 2015 celebrasse a *misericórdia* de Deus e que o jubileu ordinário de 2025 vivesse a *esperança* ao longo do ano. Continuamos, pois, a meditar nessa virtude, embora sempre insuficientemente.

De facto, a esperança não é das coisas que se digam e se acolham no espírito com brandura e com subterfúgios. Nem se deixa manejar com mão frouxa. Esperar ardentemente que chegue o dia de festa ou que amanhã te levantes com saúde, todos os deuses e humanos o podem anunciar sem manhas escondidas. Manter elevadas as esperanças de um país evitando que se envolva na guerra também parece razoavelmente fácil. Esperar que te vais sair bem nessa empresa difícil é razoável. Até a pretensão de comprar a esperança da glória – ou a esperança e a glória – a troca de sofrimentos continuaria a ser fácil. Já quando S. Paulo escreve aos Romanos que «fomos salvos na [vivendo em] esperança» (Rm 8,24), entramos no terreno em que ela dá que pensar, especialmente se pusermos essa afirmação em paralelo com a outra de Paulo: «fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho...; seremos salvos na/pela sua vida» (Rm 5,10). Faz pensar, porque esse campo semântico bíblico – e religioso em geral – da “salvação” significa que a esperança, escorada pela vida e pela morte de Jesus por amor, quer dar resposta à procura pelo sentido último da existência humana. Muita gente questiona se a dá mesmo. Pelo menos, fica a perceber-se que a esperança como a fé cristã tem o seu centro e fundamento em Jesus. Assim o supõe o mesmo Paulo, que ao seu discípulo predilecto Timóteo fala com emoção de «Cristo Jesus, nossa esperança» (1Tim 1,1). A fé de Paulo em Jesus fundamenta nele a mais profunda esperança humana, embora também seja verdade, ao invés, que a esperança suporta a fé, pois só se acredita naquele em quem se confia: «Sei em quem confiei» (2Tim 1,12). Fé e esperança são duas faces da mesma medalha. Crer em Jesus como filho de Deus é viver em esperança. O *cristão* liga inextricavelmente a sua fé à esperança: «a fé é garantia das coisas que se esperam» (Heb 11,1).

Mas a esperança cristã será mais frutífera se mostrar um pouco do seu profundo conteúdo humano e espiritual (reconhecendo sempre a insuficiência da linguagem que o quer exprimir). O conteúdo é que dá razões para a sentir como indispensável. Desde logo, a verdadeira esperança – não a que *espera que*, mas a que *espera em* – torna possível o impossível. Espevita e traz até nós o que desejamos de mais profundo, intangível. Gera um mundo novo dentro de nós, renova-nos, afastando de nós o sentido do trágico. Não nos projecta para o mundo da quimera ou da utopia (que é o sem-lugar, aquilo que nunca acontece): faz-nos olhar para nós próprios tal como somos, radicalmente limitados. Ao fazer isso, a força da esperança é tal que, inflamada pelo amor, propicia a necessidade de superar os limites humanos congénitos, enfrentando dificuldades superiores a nós, também as provindas da perversidade. A esperança é uma exaltação da humanidade que em nós grita e exige a vitória da vida sobre a morte. Se a esperança



Ressurreição, Piero della Francesca

Entre 1450 e 1463, Museu Cívico de Sansepolcro (Itália)

Fotografia: [https://it.wikipedia.org/wiki/Resurrezione_\(Piero_della_Francesca\)](https://it.wikipedia.org/wiki/Resurrezione_(Piero_della_Francesca))

é inerente ao ser humano, que já é só por si um corpo que espera, renunciar a ela significa a morte do Homem; significa ceder a uma visão fragmentária do mundo e da História e abdicar da procura do sentido último em tudo o que fazemos e nos fazem. A desesperança não é alternativa válida para a vida: é fracasso total do próprio ser. A esperança é o esforço total para ‘salvar’ o humano, humanizando-o. Pela esperança é que nos movemos.

Ora, tal esperança, que se revela com esta força e que coloca a pergunta pelo sentido último da vida, ao fim de contas terá de ser entendida, humildemente – na percepção de filósofos, teólogos e sociólogos da religião –, como um desafio a apostar na necessidade de abertura à transcendência. Terá de ser entendida como fé na existência de Deus e em Jesus como filho de Deus, embora sem acreditar no Deus tapa-buracos ou intervencionista mas só no Deus transcendente, mistério absoluto e Deus dos místicos, precisamente pelo que Jesus revelou sobre Ele (e assim voltamos ao pensamento inicial). Quando Jesus assegura «Eu sou o pão vivo, o que desceu do céu...; quem comer deste pão viverá para sempre» (Jo 6,33.41.47-51; 11,25-26), mostra como a fraqueza humana em busca de superação encontra na esperança uma aliada destemida. É essa lógica que torna o esperançado maior do que ele próprio. A esperança que Jesus dá é um elogio à vida humana, na medida em que é capaz de superar os seus limites e até a desumanidade e a barbárie, como a que o matou. Pela esperança que Jesus funda, o cristão não se reconcilia

com o limite da morte: crê, por cima de tudo, na vida e na vida para sempre. Mas – mais importante –, ao abrir o horizonte para *além* da morte, a esperança transforma a vida humana *aquém* da morte, dando como presente o que se espera como futuro, puxando o futuro para o presente e mudando assim o presente: «Quem tem esperança vive de modo diferente; foi-lhe dada uma vida nova» (Bento XVI, *Spe salvi*, 2), que muda o modo de ver o mundo.

O Novo Testamento resume com clareza a vida nova de quem espera: «Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que pela sua grande misericórdia, através da ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, nos gerou de novo para uma esperança viva... Por isso viveis alegres, embora um pouco aflitos por agora por causa de várias provações» (1Ped 1,3-6). Um segredo, mal guardado, da fé cristã consiste na impossibilidade do desespero.

Jubileu e esperança

Armando Vaz, OCD



Fotografia: Vatican Media

Morte e esperança

O humano está marcado pela contingência, pela sua condição de ser limitado e finito – que torna problemática a superação da morte. A força do espírito humano que é a esperança torna-o capaz de enfrentar os problemas da vida e o supremo problema imposto pela sua condição de mortal. Ver a vida subjugada ao «último inimigo que é a morte» (S. Paulo, 1Cor 15,26), sem lhe dar a luta que lhe

dão a Bíblia e as epopeias clássicas, seria aceitar a perda da própria dignidade de ser humano. A esperança dá essa luta. Quem espera ilimitadamente contra o desespero até à morte não aceita trair a essência da sua humanidade e a sua dignidade, ligada ao sentido último da sua vida. A esperança oferece o sentido último à vida. Este jubileu de 2025 pode meditar nessa preciosa oferta.

FORMADORES

para la

Experiencia Mística

Psicología y desarrollo humano en plenitud

Plano de atividades 2025-2026

Carmelitas Descalços



A Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal apresenta o seu plano de atividades para o ano pastoral 2025-2026. Como deriva do nosso carisma e missão, as nossas propostas pastorais são sobretudo na área da espiritualidade: retiros, congressos, cursos, retiros, formações mais curtas ou mais longas, publicações, transmissões de vários conteúdos das nossas atividades. Pode obter mais pormenores destas atividades consultando a nossa página *web* ou assinando o Boletim de Espiritualidade, grátis, com periodicidade mensal. Este plano de atividades também está impresso e pode encontrá-lo num dos conventos dos frades ou das irmãs carmelitas. [🔗](#)

Curso de Mariologia

Ano pastoral 2025-2026



A Domus Carmeli, em Fátima, da Ordem dos Carmelitas Descalços, e o Instituto *Religare* da Universidade Católica Portuguesa estabeleceram uma parceria em ordem a oferecer um curso de mariologia a toda a Igreja portuguesa. «Seguimos a tradicional sistematização no labor teológico: parte-se da fundamentação bíblica, percorre-se a história dos dogmas e propõem-se hermenêuticas contemporâneas e perspetivas práticas, em diálogo com a estética, a liturgia, a piedade popular, a cultura contemporânea, sem esquecer o diálogo ecuménico», refere a organização. [🔗](#)

Encontros junto à Fonte

Braga, 2025-2026



Os Carmelitas Descalços de Braga propõem, para o ano pastoral de 2025/2026, uma iniciativa de meditação e aprofundamento da Palavra de Deus intitulada *Encontros junto à Fonte*. O nome remete ao diálogo de Jesus com a Samaritana junto do poço de Jacob (Jo 4,5-42), inspiração que ilumina cada um destes momentos de oração. Neste episódio evangélico, Jesus atravessa a Samaria não por mera conveniência geográfica, mas movido pela urgência do Amor que deseja dar-se a conhecer. Inspirados por este relato, os *Encontros junto à Fonte* convidam cada participante a aproximar-se de Jesus, abrindo-Lhe as portas do coração para beber da Água Viva – a única capaz de saciar a nossa sede de Infinito e de Amor. [🔗](#)

UM MÊS COM A Irmã LÚCIA

Carmelo de Coimbra



Neste livro poderão encontrar-se orações, reflexões, acontecimentos, que a Irmã Lúcia deixou registados no seu Diário por fazerem parte do seu caminho e que, acreditamos, podem ajudar-nos a fazer o nosso, independentemente das circunstâncias em que nos encontremos. Porque é na vida simples do dia a dia que o Senhor vem ao nosso encontro e se faz a experiência, sempre única, de ouvir essa voz de silêncio pronunciar o nosso nome. Agradecemos ao Frei João Costa, OCD, o precioso trabalho na seleção de textos e redação das orações que os acompanham e confiamos o bom fruto que daqui possa surgir Àquela que tudo guardava no Seu Coração e que confidenciou à Irmã Lúcia: *Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará*. Estas palavras são também para nós – atrevamo-nos a caminhar!

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

Cruz: do escândalo à Salvação! Filipe Baio aborda a cruz cristã como símbolo paradoxal: originalmente instrumento de vergonha, escândalo e humilhação, mas que, com a ressurreição de Jesus, transforma-se em sinal de vitória, salvação, esperança, reconciliação e amor. [🔗](#)

O silêncio místico entre a teologia e a experiência: de Pseudo-Dionísio a São João da Cruz. Nuno Henriques propõe reflexões sobre o silêncio na tradição mística cristã, destacando como este elemento é central desde Pseudo-Dionísio, o Areopagita, até São João da Cruz. O autor gira o olhar para o silêncio não apenas como ausência de palavras, mas como espaço onde Deus se faz presente de forma profunda, transformadora e paradoxal. [🔗](#)

Centenário de Santa Teresinha celebra a força da esperança. No Ano Jubilar da Esperança, o Padre Manuel Reis, OCD, recorda a santa como “livro aberto de esperança”, destacando a sua confiança radical na misericórdia de Deus e no amor como motor da fé. Teresa, “a maior santa dos tempos modernos”, continua a inspirar crentes e afastados a viver a esperança cristã num mundo marcado pela incerteza. [🔗](#)



«Cheia de Graça, Senhora assunta ao céu Protege-nos a nós, teus filhos, guarda-nos sob o teu véu»

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: <https://www.flickr.com/photos/catholicism/>

Querida Amiga,

Saúdo-te com um abraço muito apertado cheio de confiança nos cuidados maternos d'Aquela que é a Senhora da Saúde, a Mãe de todas as graças, o Auxílio dos cristãos.

Disseram-me que o Senhor José está muito doente e que tu, neste momento, o tens ao teu cuidado. Depressa chegará o momento em que o terás de deixar e isso será uma dor para o teu coração. O teu amor de filha te atraiçoiará e te dirá que não o devias deixar. A vida às vezes é assim, pede-nos que sacrifiquemos tudo, até aquilo que de mais importante temos, como é o pai e a mãe.

É aqui que nos temos que impor a nós mesmos, reunir todas as nossas forças, ganhar coragem e fazer um acto de confiança em Deus a toda à prova. Não é fácil porque parece que Deus não nos vem atender, que Ele não se importa connosco, nem com as nossas necessidades. Mas isto não é a verdade. A verdade é que se nós cuidamos uns dos outros, nos preocupamos uns com os outros, queremos o melhor para aqueles que amamos, muito mais o quer Deus.

Deus dá-nos a vida, mas depois não nos abandona, nem nos deixa sozinhos à mercê das circunstâncias. Ele dá-nos a vida e sustenta-nos com o seu amor e o seu desvelo de Pai e Mãe. «Se vós sabeis dar coisas boas aos vossos filhos quanto mais Deus cuidará dos filhos que tanto ama». Às vezes, porque diante de nós só está o que vivemos no momento presente, não vemos que a nossa vida seja uma história contínua, desde que Deus pensou em nós, na eternidade, até que nascemos e depois somos de novo conduzidos à eternidade, à casa do Pai celeste. E isto muitas vezes em vez de nos encher de ânimo e coragem para enfrentar as dificuldades, teima em nos roubar a esperança e a confiança.

Mas, Deus está sempre a encher a nossa vida com a sua graça, com a sua fortaleza, com a sua confiança e as dificuldades são precisamente o momento que Ele tem para nos encher do seu Amor e da sua bondade, da sua ajuda e da sua força. Ele está sempre voltado para nós,

para ser o nosso conforto, o nosso consolo, nas tribulações que nós próprios sofremos.

Há tempos dizia-me uma missionária que não tinha podido estar junto do pai, quando ele partiu para o céu. Ela estava em Espanha e o pai estava no Santo António no Porto, mas tinha uma consolação era a de ter deixado Nossa Senhora a cuidar do pai. Antes de partir tinha deixado uma imagem de Nossa Senhora junto à cabeceira do pai e tinha-lhe pedido para ser Ela quem cuidasse do Pai. E ela tinha a certeza de que Maria, não o tinha deixado sozinha, nem tinha descuidado, mas antes o teria ajudado no momento da partida. A mim aconteceu-me o mesmo, eu tinha prometido à minha avó Maria que estaria junto dela quando ela partisse, que não a deixaria sozinha. Aparentemente não o cumpri, mas na verdade sim, ainda que estivesse em Moçambique, naquele sábado à hora do almoço estive tão perto dela que comecei a falar dela e das recordações da sua mocidade, aquelas que ela me contava. Nunca tinha falado dela, naquele dia ela estava tão perto de mim e eu tão perto dela, era como se a estivesse a escutar e a ver. Qual não foi o meu espanto quando na segunda-feira a seguir recebi um telegrama a dizer que ela tinha falecido, precisamente naquela hora!

O nosso coração está sempre perto daqueles que amamos e Deus é o primeiro a arranjar maneira para de nos fazer presentes, de nos fazer chegar onde não podemos por nós mesmos, mas com Ele sim. Com Ele, com a confiança no seu amor e a esperança posta na certeza de que Ele tem os seus olhos postos em nós, e que tudo acontece para o bem daqueles que o amam segundo a sua vontade, então podemos ter o nosso coração tranquilo. Certo, de que ainda que tudo nos faça sofrer, Deus está connosco, não nos abandona e tudo está nas suas mãos. Nenhum de nós pode aumentar o tempo da sua vida com as suas preocupações e cuidados, mas Deus cuida de nós, como cuida dos passarinhos e das flores do campo, e, não cai um cabelo da nossa cabeça sem que Ele o saiba.

Vamos confiar o Senhor José, o pai que Deus te deu, ao nosso Pai do Céu, por meio da Senhora da Saúde, a cheia

* Esta é a segunda parte de um texto que, em contexto de verão, não pareceu bem à Autora se publicasse integralmente.

de graça. Juntas na oração vamos pedir a nossa Senhora que na tua ausência seja Ela quem cuide o teu pai. E que ainda que pareça que lhe falta o carinho humano e os cuidados mais atentos e solícitos, Ela, com o seu amor de Mãe o supere com a sua graça e a sua presença no interior do coração do Senhor José. Ela pode dar aquele conforto, aquela paz, aquela serenidade interior que vem de Deus e vence todas as dificuldades. É esta confiança na nossa Mãe do Céu que temos que ter. Ela não nos vai abandonar, nem desiludir, nem deixar ficar mal, se lho pedirmos com muita fé e muito amor.

Tu, como mãe, sabes quantos sacrifícios, quantos cuidados, quantos esforços fazes para que a tua família esteja bem. A Nossa Mãe Santíssima foi a que fez os maiores sacrifícios primeiro por Jesus, ao vê-lo na Cruz e depois ao tê-lo morto no seu regaço, e depois por todos nós, seus filhos. Ela deu o Filho do seu ventre e do seu coração por nós, para sermos filhos, como não há-de agora estar junto de cada filho, cuidá-lo com a ternura da sua presença e dar-lhe a força de que necessita, para ser verdadeiramente feliz na eternidade?

Estou contigo a pedir à Nossa Mãe do Céu que cuide do Senhor José e que te dê a força e alegria, a paz e o conforto neste momento em não poderás acompanhá-lo. Pedimos que seja Ela que te substitua junto dele.

Também quero dizer-te um obrigado muito grande pela coragem, a força, o amor com que tens abraçado a cruz de cada dia e a tens transformado em caminho para o céu. Quero ainda abraçar-te com muito carinho e dizer-te que agradeço contigo a Deus todas as bênçãos e graças que Ele te vai concedendo cada dia da tua vida! Deus está contigo e ama-te muito. Ele conhece o interior do teu coração e da tua alma e sabe que em ti existe a bondade, a caridade, a generosidade e a paz! Deus está muito contente contigo e no céu dar-te-á a alegria de conheceres a misericórdia que usou para com a tua mãe e como ela está bem e um dia poderás encontrar toda a família reunida na felicidade de Deus.

Sê forte e tem coragem, porque o Senhor está contigo com a sua força e não te abandonará em nenhum momento do caminho. Rezamos juntas com muita confiança à Nossa Mãe do Céu.

Abraço-te com muito carinho

Deus está sempre a encher a nossa vida com a sua graça, com a sua fortaleza, com a sua confiança e as dificuldades são precisamente o momento que Ele tem para nos encher do seu Amor e da sua bondade, da sua ajuda e da sua força.



Lúcia de Jesus

peregrina e testemunha da Luz

XIII Congresso de Espiritualidade
Fátima · 17 a 19 outubro 2025

OPÇÃO de participação:
presencial | on-line

Domus Carmeli
congressos@domuscarmeli.net

Organização **Institutos de inspiração carmelita e teresiana**

Três perguntas e... mais uma

Com as Carmelitas de Aveiro

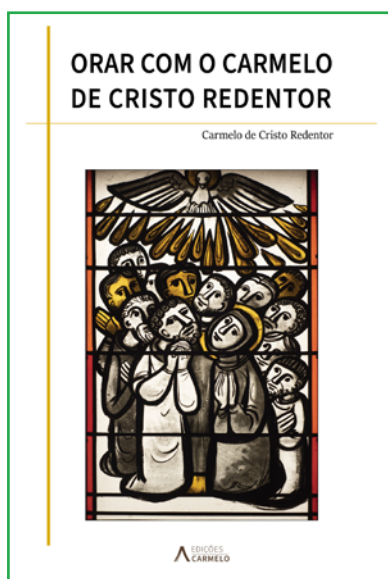
1. Eginio Weinert era um orante; a oração saía-lhe em forma de arte. Qual é a arte de rezar do Carmelo de Aveiro?

A arte de rezar do Carmelo de Aveiro é a arte da relação com Deus, isto é, a arte de «estar muitas vezes a sós, tratando de amizade com quem sabemos que nos ama», como diz Santa Teresa; ou, se quisermos evocar o Evangelista João, a arte de sermos amigos de Cristo Jesus, deixando que Ele nos dê a conhecer os segredos do Amor que existe entre Ele e o Pai: «A vós chamo-vos amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai».

A arte de rezar não se confina ao âmbito do Carmelo. O papa Francisco dizia que quando rezamos estamos a abraçar o mundo, os homens e mulheres do nosso tempo, quem quer que sejam. E nós não só pretendemos abraçar esta Humanidade como, essencialmente, fazer com que cada leitor possa abraçar a Cristo e estabelecer com Ele uma relação de amizade, que cada um possa escutar de Cristo Jesus: «Chamo-te amigo porque te dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai».

A proposta de leitura orante que fazemos para cada vitral [da capela do Carmelo de Cristo Redentor] é simples: numa página apresentamos o vitral para a contemplação do leitor, seguidamente o texto bíblico que ele representa e uma breve interpretação do vitral, fazendo confluir o fundamento bíblico e a dimensão artística. Depois apresentamos uma proposta de leitura orante que pretende implicar o leitor no mistério de Cristo que o vitral representa levando-o a fazer a sua própria leitura. Concluímos com uma oração que sintetiza o que pode ser o fruto do encontro com Cristo através daquele vitral. Também aqui o objetivo é que cada um possa falar a Cristo coração a coração.

No seu prefácio, o Cardeal Tolentino de Mendonça tem um parágrafo que sintetiza muito bem o que o Carmelo de Aveiro pretende. Escreve: «A presente obra, que publica os vitrais da Vida de Cristo na Capela da Comunidade das Carmelitas Descalças do Carmelo de Cristo Redentor em Aveiro, emerge nas nossas mãos



ORAR COM O CARMELO
DE CRISTO REDENTOR
(Edições Carmelo)



Autor: Carmelo de Cristo Redentor
Aveiro

como um desafio espiritual. Ela oferece-nos um prisma para olharmos toda a vida de Cristo por meio da inspiração do artista Eginio Weinert (1920-2012). Mas para se ser testemunha de Cristo não basta apenas conhecer narrativamente a sua vida completa, é preciso os olhos da fé, garantida pela via da contemplação e da oração: esta é a chave de leitura que nos faz ver a identidade divina na sua identidade humana, à semelhança de um vitral. Sem luz, este não é perceptível.»

2 Se não nos pudermos recolher em oração, como poderemos rezar um vitral ou uma pintura ou uma imagem de uma igreja?

Nunca podemos perder a consciência de que a plenitude máxima

da pessoa que somos — e de qualquer pessoa — está em sermos seres orantes, pessoas capazes da relação com Deus; uma relação dinâmica chamada a atingir a união com o próprio Deus. E isto é o próprio Vaticano II que o afirma.

Movendo-nos neste horizonte percebemos que há muitos momentos em que este recolhimento não é possível, porém, a imagem, a pintura ou o vitral, não deixam de invocar o mistério de Deus no seu todo.

A cada um de nós é dado como dom a porta de entrada para o mistério, uma porta que é uma parte do mistério, que nos permite entrar em comunhão com Deus, e que é só nossa e que faz com que haja a pessoalização do mistério. Esta porta de entrada pode ser, por exemplo, a Anunciação, o Deus Menino, a Cruz, a Eucaristia, a Ressurreição, enfim, uma porta de graça em que entrando por ela, vamos sempre encontrar a presença de Deus no que temos diante dos olhos. Há sempre a evocação da presença de Deus e há sempre a nossa capacidade de invocar o Espírito Santo para nos fazer ver o novo de Deus, presente ali. É o campo da simbólica.

Exemplifico o que digo com um exemplo que nos pode ajudar a perceber a novidade da presença de Deus nas coisas e através delas.

Um destes dias, numa circunstância um pouco inusitada, fui convidada a escutar a música *You Raise Me Up*, interpretada por Josh Groban. A poucos instantes do início, no meu interior ressoaram as palavras de Jesus: «Quando eu for levantado da terra atrairei tudo a mim» (Jo 12, 32). Era aqui que eu estava levantada nos ombros de Jesus e os ombros de Jesus coincidiam com os braços da Cruz. Estava levantada pelo amor com que Jesus me tinha amado e me estava a amar, a ponto de transformar a minha existência em mistério de salvação. Dos braços da cruz onde repousavam os ombros de Jesus eu via a minha vida como Ele a via, cheia de luz. E deste ser levantado da terra, desde a cruz, segui para um outro ser levantado que fala o profeta Oseias 11, 1-4: «...Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia

com eles como quem levanta até ao seu rosto uma criança; para lhes dar de comer, eu baixava-me até eles». Já não era apenas o amor de Jesus, agora era o amor do Pai. Era o conhecer-me como esta criança levantada até ao rosto do Pai, levantada pelo amor até ao conhecimento do Pai.

Na realidade, o cantor continuava a cantar, enquanto o Espírito rezava no meu interior. A música com a sua letra e melodia invocaram em mim uma presença de Deus que constitui a minha terra sagrada, faz parte da minha identidade religiosa. Contudo, para mim, a música não é preciosa pelo que ela é em si mesma, mas pelo que evoca de mistério divino.

Existe ainda outra forma mais simples de rezar **um vitral ou uma pintura ou uma imagem de uma igreja, quando não nos podemos recolher: trata-se de partirmos desde a consciência de beleza.**

Deus entrega-nos a sua Beleza que reside no dom que nos faz de Si mesmo. «A Beleza é um dos nomes de Deus». E o Espírito Santo é uma das mãos da Beleza em si, que comunica o esplendor da santidade e se revela como «Espírito de beleza».

A renovada liturgia pós-vaticana é um âmbito de manifestação dessa luz, já que presa pela simplicidade e pela autenticidade do espaço, que deixa o Espírito falar ao coração. Essa presença do Espírito, como presença de beleza, é poesia sem palavras, é música sem sonoridade. É apenas Luz, pois o atributo mais conhecido do Espírito Santo é vida e luz.

Deus sempre se manifestará através da sua Beleza.

3. Na página 47 do livro aparece escrito: «Quase que somos forçados a ver, para contar o que os nossos olhos viram...». O que veem os nossos olhos nos vitrais do Carmelo de Cristo Redentor?

Num primeiro momento devemos dizer que no Carmelo de Cristo Redentor vemos um conjunto de vinte e um vitrais que representam a vida de Cristo. Eles estão dispostos em cinco sequências de quatro vitais cada uma, segundo a fase da vida de Jesus que representam. Na entrada da capela podemos encontrar a primeira sequência que começa com a Anunciação. Dando a volta à capela, terminando no presbitério com a sequência dos mistérios da Ressurreição ao Pentecostes, não esquecendo o Tomé, que nos representa também a nós. O próprio movimento de disposição dos vitrais faz-nos sentir em peregrinação com Cristo. O cardeal Tolentino de Mendonça que colaborou connosco, escrevendo o prefácio do livro, diz que: «Em tempos de um certo empobrecimento espiritual, estes vitrais apresentam-se como uma catequese tácita para aqueles que têm sede de Deus, que O procuram no silêncio ou que apenas esperam o seu sinal».

Mas, os nossos olhos veem para além do que veem. À medida que nos adentramos nos vitrais e vamos seguindo as realidades históricas e circunstanciais da vida que representam, vamos dando conta que há uma realidade que emerge e se sobrepõe ao que de facto estamos a ver. É o primado da graça que surge de forma tão bela e luminosa, quase impercetível, mas que nos faz passar da realidade visível para a invisível, transpondo-nos para o mistério da presença de Deus. Quando contemplamos os vitrais verificamos que eles não estão fechados em si,

que se transcendem de forma dinâmica, envolvendo-nos nesse dinamismo de graça. Cada um deles evoca a força criadora de Deus e é precisamente esta evocação que nos transporta para o primado da graça, porque a última palavra pertence a Deus; a Deus que faz novas todas as coisas. É algo que o artista consegue fazer passar de si, do seu amor a Deus, da sua vivência da fé, e da sua espera confiante e abandonada, da sua oração, para cada vitral. Na realidade, cada vitral é oração viva do artista, podemos ter a percepção do artista estar a rezar para nós. E é algo que nos fascina porque não só nos põe dentro da relação do artista com Deus, mas lança-nos para a nossa própria relação de comunhão com Deus e com o mistério da Sua presença na vida.

Na prática, diríamos que cada vitral objetivamente diz: isto aconteceu assim, mas Deus interveio e converteu isto em história de salvação e nesta simplicidade, entre linhas, traços e cores, manifesta-se o absoluto de Deus. Depois da leitura orante do conjunto dos vinte vitrais, facilmente, a presença de Deus na sua amorosa força criadora invade o nosso interior fortalecendo a nossa fé e fazendo-nos olhar para a vida mais além das circunstâncias e obstáculos, colocando-nos num dinamismo de espera confiante desta palavra que Deus diz e que unifica a nossa vida, dando-lhe um novo sentido, enchendo-a da graça da Sua presença. Sempre o primado da graça sobre todas as coisas e a experiência de estarmos em Deus, na Sua presença.

e 4. Lendo a biografia de Eginio Weinert percebe-se que se perdeu um monge e se ganhou um artista. Mas não se perdeu um orante. A arte é oração?

Sim, a arte pode ser oração, mas quero ser mais ousada e afirmar que a oração é uma verdadeira arte, em que o Artista é Deus. Muitas vezes esquecemo-nos que Deus reza e que nós somos oração de Deus. Deus reza em nós, reza no nosso templo interior, mas a Sua oração manifesta-se na nossa vida, no que vivemos, na pessoa que somos. Estamos pouco despertos para o facto de sermos o lugar onde Deus reza e a nossa vida ser oração de Deus. Poucas vezes paramos para nos perguntarmos: hoje, o que é que Deus rezou em mim?

Na verdade, Deus reza-Se em nós. E a Sua oração é muito simples. Em cada um de nós Deus reza: «Tu és meu filho, eu hoje te gerei». E é sempre assim, Deus reza Cristo em nós, para que cheguemos a ser verdadeiramente seus filhos, filhos no Filho. A configuração com Cristo é a grande oração que Deus Pai reza em nós, em todos nós.

A grande novidade da oração de Deus está na segunda parte do versículo: «eu hoje te gerei» – trata-se da individualidade de cada pessoa e do mistério da Palavra que hoje Deus pronuncia/reza em nós. Conhecer o que hoje Deus reza em nós é o grande desafio da arte da oração e o que pode fazer da arte uma oração. O desafio da nossa fé. Deus reza em nós o mistério de Cristo, conhecer este mistério só é possível com os olhos do amor iluminados pela inteligência da fé e sustentados pelo abandono confiante da espera em Deus.

Este é também um dos desafios do encontro com Cristo proposto na leitura orante dos vitrais, o descobrirmo-nos como oração de Deus e chegarmos a conhecer o que Deus reza em nós, o dom que Deus nos faz de Si em Cristo. Esta

é a verdadeira arte da oração e nesta simbiose a arte é verdadeiramente oração.

Isto é algo que transparece na relação de Deus com Egino Weinert. Ao contemplar a acção amorosa de Deus na vida de Egino, a oração que Deus rezou nele, o que de facto ressalta não é que tenhamos perdido um monge, mas a fidelidade de Deus ao desejo que incutiu no coração de Egino desde toda a eternidade: servir Cristo, traduzindo o Evangelho na sua própria arte.

Deus foi fiel a este desejo de forma profética, tirou um possível monge do anonimato dum mosteiro e duma corrente litúrgica com um determinado estilo, para transferir o monopólio da arte sacra dos mosteiros para o âmbito laical. Estamos perante o primeiro leigo a ser convidado por um Papa, S. Paulo VI, para ter as suas obras no Vaticano.

Weinert foi o artista que, até ao momento, mais cruzeiros fez em todo o mundo. Deus rezou de tal maneira neste homem que fez dele uma oração viva e o lugar de oração para muitos. Deus cumpriu a promessa que tinha feito a Egino: servir Cristo, traduzindo o Evangelho na sua própria arte.

Nas palavras do prefácio o Senhor Cardeal Tolentino aborda a questão da relação entre arte e oração e o que isto pode exigir de cada um de nós. Deixemo-nos interpelar por elas: *«Nas vésperas de celebramos os 1700 anos do Concílio de Niceia (325-2025), a obra surge como um pequeno “tratado de cristologia”, que reaviva em nós o dogma cristológico definido neste Concílio. Sim, porque os dogmas não são apenas para serem acreditados, mas também para serem vividos e contemplados. E Niceia aponta-nos uma condição transversal: todos somos filhos de Deus (Gal 4,4-5). Esta consciência filial esclarece-nos uma das primeiras regras da oração: orar como filhos, como aqueles que sabem que não são a origem de si próprios*

e que dependem de outros e de um Outro para existir. A oração tece-se com esta humildade e a humildade tece a coreografia da oração».

Ao terminar a peregrinação pela capela do Carmelo somos convidados a louvar a Beleza de Deus, que Egino Weinert nos fez saborear, através do seu desejo de servir a Cristo e o Evangelho com a sua própria arte, e aceitar o desafio de nos deixarmos iluminar pela Luz que é Cristo e nos tornarmos reflexos da Beleza de Deus, pela acção do Seu Espírito de Beleza:

Senhor,
Eu amo a beleza da Tua casa,
O lugar onde reside a Tua glória.
A beleza que tu encerraste dentro de mim
E que és Tu mesmo.
Tu escolheste-me para Tua morada,
Para ser Templo onde celebras
O memorial da Tua santidade,

Como são verdadeiras
As Tuas palavras:
«Eu habitarei e andarei no meio deles.
Serei o Seu Deus e eles serão o meu povo».
Tu habitas em nós
E andas connosco.
E nada mais há a desejar,
Do que ser Teu
E entrar no santuário que construístes
No íntimo do nosso ser,
O lugar onde reside a Tua glória,
E cantar as maravilhas do Teu Amor.
Porque o Templo de Deus é Santo
E nós somos esse templo.
Bendito sejas Senhor!



Como rezar depois de Gaza?

Frei João Costa, OCD



Fotografia: Vatican News

Em Gaza não morreram números. Morreram, sim, mulheres, mães, filhas, meninos. Velhos. Homens e pais. Irmãos, futuros militantes do Hamas. E morreram bebês que já nasceram depois de os ventres das mães terem florescido durante esta guerra. Morreram bebês de leite e de colo filhos todos das armas, da revolta, do medo, do horror; não da paz, do progresso, da oração, do sonho. São filhos e netos da raiva e do ódio ao inimigo. Bebês que não ouviram nem conheceram outras falas além dos gritos de horror, do zunido das balas e do estrondo das bombas, do ronco dos motores dos carros de combate inimigos, das imprecações, choros, lágrimas e juras de morte à Estrela de David.

Nas outras Gazas actuais a situação é idêntica, embora, aqui, neste texto, mais me circunscreva à que, por estes dias, mais ouvimos falar.

Eu que nestes meses todos não vi muita televisão, o que vi enjoa-me e agonia-me. E não, já não consigo ver mais de Gaza, mesmo se eu, como todos, sou poupado às imagens mais horripilantes e cruéis.

Falam que o Hamas — e não me incomoda tomar este nome por inimigo da Humanidade — encena as imagens de fome e horror que envia para as televisões ocidentais difundirem. Para nos confundirem e inquinarem. Talvez seja. Mas o que eu não consigo compreender é como Israel, robusto, bem alimentado e armado como se marchasse contra aliens — e para mim, Israel é um nome sagrado que virou infame — fez da Faixa de Gaza uma prisão a céu aberto, limitada por muros altos por três lados e, pelo quarto, pelo mar bravo. Eu não percebo como é que um povo, infamemente, a seu bel prazer, corta a água, o ar, o pão, a paz e as raízes do sonho a outro povo; para mais e por demais pobre e humilhado. Sim, sim, também lhe corta o ar, pois são tantas as bombas que ali despeja e ali rebentam que aquele ar é tudo menos bom e sadio, é veneno!

Eu olho para Gaza e credito-me que até as baratas da minha cozinha têm mais sorte que aquele povo. Olho para

Gaza e já não tenho lágrimas para chorar. Olho e descreio-me: estarei passando por um pesadelo que inventei para me torturar a mim próprio e me autoflagelar horripilantemente? Que alguém me diga tolo, me sacuda e acorde, que eu já não aguento mais.

Hesitei em escrever o que vou dizer. Hesitei muito e muito rezei para não ter de o fazer. Para que alguém o fizesse antes. Mas tenho de fazê-lo, de dizê-lo, porque não é digno nem humano não fazê-lo. Há largos meses que durmo menos uma hora ou duas. É nesse tempo que alinhavo ou preparo as minhas homilias; contudo, o que não consigo fazer é evitar o martelo que, de quarto em quarto de hora, me bate na cabeça como um sino pelo que, em vez de «pam, pam, pam», eu oiço Gaza. Gaza, Gaza, Gaza. Gaza, Gaza, Gaza.

Em Gaza não morrem números, morrem pessoas. Segundo um lado, ou outro lado, segundo uma bandeira ou outra, morrem mais ou morrem menos pessoas. Segundo um lado, desde 27 de outubro de 2023 (vinte dias após o início dos ataques palestinos a Israel) morreram 80.000 mil palestinos, dos quais vinte mil não tinham forças sequer para atirar uma pedra contra os carros de combate israelitas. Mas se escutarmos o outro lado — e fácil é perceber qual seja ele — morreram ou desapareceram 800.000 pessoas! Para vergonha de todos nós, segundo agências independentes, esta cifra parece ser a mais aproximada, a mais verdadeira, embora seja bem mais difícil de provar.

Inacreditável.

Dir-me-ão os que se dizem defensores da verdade: — Vês como te deixas enganar? Como tomas por verdadeira a notícia de que foram oitocentas mil mortes, e desprezas a que só relata oitenta mil? Mas não, eu não tomo nenhuma cifra por verdadeira ou por mais aproximada. Não tomo. Para mim a morte de Abel às mãos do irmão já foi um exagero, um crime sem nome que jamais deveria ter sucedido. Mas ainda assim, um crime. Saibam: qualquer morte de Abel, de qualquer Abel de qualquer idade

ou nação, e em qualquer era, já é um excesso, uma indignidade incompreensível.

Eu que já não sei dormir seis horas seguidas, não sei como suportar isso. Já tentei negar ou afogar os números, mas nem assim funciona ou aniquila as notícias da infâmia. Alguns dizem, inclusive, para ao olharmos para Gaza não falarmos em genocídio, por ser excessivo ou impróprio. Mas eu olho. Não posso não olhar para aquele deserto de casas e sonhos arrasados por bombas – quem é que merece bombas em vez de pão? Quem é que pode ser condenado ao pão ázimo do horror? Não, não posso, não, eu não posso não olhar. Não. Não posso não pensar que o povo que na Segunda Grande Guerra foi impiamente abandonado e votado ao aniquilamento total, é agora ele o autor, ainda que o não queiramos perceber, do aniquilamento de outro povo. Mas como é isso possível? Como é isso admissível? Poderá agora Abel querer matar Caim?

Quem percebe isso? Quem é que hoje tem as mãos suficientemente pequeninas e limpas para pôr flores nas bocas das armas?

Eu que há longos dias ando à cata de palavras e não as acho; eu que, cuidadosamente, ajunto letras e as articulo em carreirinha, umas a seguir às outras, e só sinto que elas se esfumam e me falham, eu já não tenho palavras contra o mal que ali vejo impor-se como um veneno insidioso. Não, eu não consigo jamais dizer ou escrever direito o sangue que me corre do coração como a torneira duma pipa, como se meu coração fora o único alvo das armas, porque nele sofre o impacto de todas as balas, de tantas bombas que há tantos meses ferem e mordem o chão de Gaza.

Eu que com isto sofro o indizível, só pergunto: Senhor, até quando?... Até quando terei de suportar tudo isto, sofrer tudo isto? Porque não apartas do meu olhar, do nosso olhar, tanto ódio, tanto mal? Até quando morrerão os inocentes, enfim, até quando morrerão, durante o sono, tantos que não são inocentes? Até quando hão-de morrer os meninos que já não conseguem brincar, que não aprenderam a brincar, que não conheceram nem as flores bem as abelhas? Até quando...

Até quando terei de rezar, eu que já não sei rezar? Que te direi, eu que já não tenho palavras, que já não acredito nas letras alinhadas, que já não sei tange-las direito? Como, Senhor, como te rezarei salmos nestes dias em que Gaza nos lembra a infâmia, onde os homens são como lobos que se atiram uns aos outros, sendo que os duma parte não têm dentes ou, se os têm, estão quebrados? Como rezar-te, meu Deus, queres dizer-me? Eu que me apetece blasfemar, que me apetece perguntar-te porque continuas calado, porque não fazes ouvir a tua voz ardente, porque não calas as armas que matam inocentes, pergunto-me:

porque te calas, meu Deus? Porque deixas que te acusem de insensível quando te matam os filhinhos mais inocentes? Por que te calas, Deus? Até quando nos provarás? Até quando te calarás? Até quando...

Como, Senhor, como ó Deus Bom, hei-de rezar-te nestes dias negros de Gaza? Não sei, juro que não sei. Mas mesmo não sabendo, rezarei. Rezarei na certeza de que cada gesto, por pequenino que pareça, acrescente forças ao dique que se opõe à tormenta. Rezarei para que ele não ceda. Rezarei para que a relva e as flores regressem a Gaza cantando de júbilo e alegria. E com elas deixem de chorar e lamentar-se os passarinhos, as minhocas e os esquilos. Rezarei como um anjo impotente que alarga as asas a fim de procurar sustentar o vento frio. Fechados ou abertos rezarei com os olhos porque não posso ignorar e não ficar do lado dos que, depois de destruídas as casas, recebem, sem defesa, as balas no peito. Rezarei, porque não estou disponível para ceder a última palavra à infâmia, à morte, à destruição, ao ódio. Rezarei para dizer sim à dignidade e escolher a vida e a esperança e o abraço entre irmãos.

Rezarei, sim, porque Deus gosta dos vergéis, não de destruição dos nossos lares, sejam eles tendas de beduínos ou mansões — acreditando, porém, que ele prefere as tendas...

Antes de as erguer, purificarei as mãos, como quem esparze sementes de esperança e pétalas de confiança. Mesmo que em Gaza já não existam hospitais nem escolas, mesmo que toda a água esteja inquinada, mesmo que pareça impossível que a vida ali sobreviva, rezarei contra o triunfo da morte! E a favor da esperança! A favor do renascer da vida e das mãos sem pedras nem aramas.

Ainda que tu não me respondas, eu rezarei, Senhor.

Mesmo sem mérito, mesmo se exangue, mesmo se banhado em lágrimas secas, mesmo se assustado e se em descrédito, mesmo que não tenha mais para onde olhar, mesmo se sem nenhuma esperança que me espere, de olhos fitos no ultraje da cruz, rezarei.

Eu seguirei rezando, claro que continuarei a rezar porque o Padre Romanelli, pároco da Sagrada Família, a única paróquia católica de Gaza, podendo, dali não fugiu. Eu seguirei rezando porque o Padre Gabriel Romanelli, mesmo depois de ferido por uma bomba israelita, continua a rezar no meio dos escombros da esperança. Sim, eu continuarei a rezar porque o Padre Romanelli acolheu sob a sua capa de pastor quantas famílias pôde; porque previamente não lhes perguntou se eram cristãos de qual confissão, se eram árabes ou não, se do Hamas ou não. E com elas repartiu o pão, pão para a barriga e pão para a alma e o coração. Repartiu, sim, sem perguntar se rezavam e a qual Deus!

Eu que, cuidadosamente, ajunto letras e as articulo em carreirinha, umas a seguir às outras, e só sinto que elas se esfumam e me falham, eu já não tenho palavras contra o mal que ali vejo impor-se como um veneno insidioso.

”

Sim, eu continuarei a rezar porque os que estão no calvário de Gaza também rezam. Porque o frio noite do calvário sopra sobre as velas acesas, mas não as privou de palavra, não lhes tirou a voz, não lhes roubou a fé nem a esperança. Não lhes tirou, não, e eles sabem-no, como nós sabemos, que o Senhor nos ensinou a rezar (e não apenas nos momentos felizes e folgados, também nos

tristes, acabrunhados, nos de tormenta, de perseguição e de aniquilamento). Ora se ainda hoje em Gaza se reza, porque haveria eu de deixar de rezar? Se eu como pão três vezes ao dia, e eles não, porque hei-de deixar de rezar no conforto e na paz da minha Igreja do Carmo? Se o Padre Romanelli e os que estão com ele confiam no Senhor que nos ensinou a rezar, porque deixaria eu de rezar? Por isso,

*Pai Bom,
tu que és pai de Esaú e de Jacob,
de Caim e de Abel,
dos ismaelitas, dos judeus
e dos cristãos;*

*tu, Pai Bom,
tu que és o único Deus,
o único pai e única fonte da vida,
escuta-nos e ouve-nos
nesta hora tremenda da história
da tua família.*

*Tu que és Pai de Jesus, o Filho,
Pai daqueles que O seguiram
e Pai dos que O sentenciaram
e mataram no madeiro;
tu que choraste por Ele
e agora choras e ficas sem palavras
quando em Gaza te morre um filho
ou uma filha,
não importa em que casa,
nem mesmo de que lado do muro;
tu que na tua impotência
choras como nós,
toma-nos nos teus braços,
aconchega-nos ao teu coração,
afasta-nos da cara os cabelos,
beija-nos e diz-nos baixinho
o verbo, o único verbo
que te define e nunca esqueces
e que tens para dizer a qualquer um
dos teus filhos ou filhas,
seja preto ou branco, ou viva
de qual um do lado do muro:
amo-te muito, minha filha!
Amo-te muito, meu filho!*

Plano de Atividades 2025 - 2026